

## CRIMINOSO<sup>1</sup>

Tradução: Cleiton Santiago Madruga<sup>2</sup>

Revisão: Ariel Lara de Oliveira<sup>3</sup>

Algo que faz minha pele arrepiar é escutar histórias clichês e esnobes de romance entre adolescentes (na verdade, até mesmo entre adultos).

No entanto, ao escutar esta, não pude rir. Trata-se de um terrível acontecimento.

É sobre um casal de namorados que trabalham na mesma empresa que eu. Ele: Keisuke Tsuruta, vinte e seis anos, chamado de apenas *Tsuru* pelos colegas. Ela: Hide Komori, vinte e um anos, os colegas a chamam de *Mori*.

Em um domingo de final de Outono, decidiram se encontrar no subúrbio de Tóquio, no Parque de Inokashira, às dez horas da manhã. Se a hora era ruim, o lugar também era; no entanto, nenhum dos dois tinha dinheiro para um ponto de encontro mais propício. Lá, não importava por onde vagassem pelo meio dos espinhos das roseiras, acabavam por esbarrar em olhares e expressões de julgamento das famílias acompanhadas de crianças que passeavam pelo parque. Não conseguiam ficar a sós. Ambos queriam desesperadamente ficar a sós, mas por ser um tanto embaraçoso demonstrar essa vontade, discutiam sem interesse sobre o azul do céu, a efemeridade e a beleza das folhas de Outono, a pureza do ar, o caos no trabalho; dividiam um *bentô*, e, excetuando assuntos complexos, como poesia, conversavam aereamente, fingindo a mais inocente das expressões faciais, enquanto aguentavam o frio do fim da estação. Como esperado, por volta das três da tarde, o rapaz ficou cabisbaixo.

— Vamos voltar? — disse.

— Sim — respondeu ela. E seguiu: — Seria bom se tivéssemos uma casa só nossa, não? Poderíamos voltar, acender fogo... nem que fosse um quartinho pequeno...

É proibido rir. Essas conversas românticas certamente são clichês deste gênero; no entanto, apenas isto foi o suficiente para despedaçar o coração daquele jovem.

\*\*\*

---

<sup>1</sup> “Criminoso” [犯人, *Hannin*]. Publicado originalmente em janeiro de 1948, na revista *Chûôkôron*.

<sup>2</sup> Cleiton Santiago Madruga é aluno do curso de graduação Bacharelado em Letras — Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista voluntário do Memorial de Cultura e Imigração Japonesa da UFRGS. Também atua como professor de japonês nos programas vinculados à universidade, como NELE e Idiomas sem Fronteiras. E-mail: <cleiton.madruga@hotmail.com>.

<sup>3</sup> Ariel Lara de Oliveira é Mestre em Comunicação e Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como tradutor e professor de língua japonesa. E-mail: <emaildoarieloliveira@gmail.com>.

Tsuru morava no dormitório da empresa, em *Setagaya*, e dividia um quarto com três colegas de trabalho; Mori residia com sua tia em *Kôenji*, e, quando voltava da empresa, ainda fazia tarefas domésticas, como uma empregada.

A irmã mais velha de Tsuru era casada com o dono de um pequeno açougue em *Mitaka* e vivia em uma casa de dois andares e dois quartos. Naquele dia, Tsuru levou Mori até a estação, mas tinha comprado passagem para o trem até *Mitaka*, enquanto Mori tinha de ir para *Kôenji*, então despediram-se na plataforma. Tsuru se despediu no meio da confusão da estação lotada, e, após segurar levemente a mão de Mori, partiu. Aquele pequeno gesto dizia: “Vou encontrar um quarto só para nós”.

\*\*\*

— Seja bem-vindo!

No açougue estava apenas o ajudante, afiando as facas para o corte da carne.

— Ele saiu? — perguntou Tsuru, em relação ao paradeiro do cunhado.

— Sim, há pouco.

— Para onde?

— Encontrar com amigos.

— Ainda bebendo...?

Seu cunhado bebia bastante. Eram raras as ocasiões em que estava trabalhando em casa enquanto sóbrio.

— E minha irmã está? — perguntou.

— Sim, no segundo andar — respondeu o ajudante.

— Vou subir.

Sua irmã estava deitada amamentando a filha nascida naquela primavera.

— Ele disse que eu poderia pegar um pouco emprestado — argumentou Tsuru.

— Ele pode até ter dito isso, mas não depende apenas da decisão dele. Eu também tenho minhas razões.

— E que razões são essas? — pressionou.

— Sobre isso acho não é necessário dizer nada.

— É porque já emprestou muito?

— Exato.

— Mas desta vez eu vou me casar de verdade. Por favor, me empreste! — tentou argumentar, mas foi ineficaz.

— Quanto é o seu salário? Você nem consegue o suficiente para comer sozinho. Sabe quanto custa o aluguel de um quarto?

— Mas ela também vai me ajudar com despesas...

— Já se olhou no espelho? Tem a cara de quem vai ser sustentado pela esposa?

— Tá, já entendi. Não vou pedir mais — levantou-se, desceu até o açougue, e domado pela raiva e o ódio repentino, apanhou uma das facas.

— Me empreste. Minha irmã está precisando lá em cima — disse por cima do ombro ao ajudante.

Agiu abruptamente.

Sua irmã foi ao chão sem soltar a voz e o sangue dela esguichou em seu rosto. Limpou-o com uma fralda que havia em algum canto e, enquanto respirava violentamente, enfiou o dinheiro que encontrou no quarto de baixo na jaqueta. No açougue apareceram dois ou três clientes, deixando o ajudante ocupado.

— Já está voltando? — perguntou ele, ocupado.

— Sim, cuide dele para mim — disse sobre o cunhado.

E então saiu. Anoiteceu, e, junto com a lua, surgiram também a névoa e a confusão do fim de expediente. Decidiu ir até a estação e comprou uma passagem até Tóquio. Na plataforma, a espera do trem foi longa. Queria gritar. Calafrios. Vontade de urinar. Não acreditava nas circunstâncias em que acabou se metendo. A expressão de todas as outras pessoas era de serenidade, e, naquela plataforma sombria, apenas ele se destacava, por ofegar continuamente. Após ter de esperar por mais apenas quatro ou cinco minutos — embora tivesse sentido que haviam se passado pelo menos trinta — o trem chegou, e já estava cheio. Embarcou. Dentro do trem, sentiu o calor corporal das pessoas e a lentidão dos trilhos. Queria sair correndo através dos vagões.

*Kisshôji, Nishi-ogikubo...* Lento. Era uma maldição. Contornou com a ponta dos dedos as linhas formadas pelo trinco dos vidros do vagão do trem e deu um suspiro pesado e triste.

*Kôenji.* Era ali que queria descer. Sentiu-se zozzo por um instante. Ver Mori por um segundo que fosse, deixaria seu corpo aquecido. As lembranças de ter assassinado a própria irmã desapareceriam. Apenas a infelicidade de não conseguir alugar um quarto apertaria seu coração. Um quarto para voltar depois do trabalho, acender fogo para aquecer, conversar e rir durante o jantar, escutar rádio antes de dormir. A frustração de não conseguir alugar esse quarto. No caso de um jovem apaixonado, é completamente natural considerar ínfimo o terror de ter matado uma pessoa quando comparado a esta sensação de remorso.

Hesitou, e, quando deu um passo em direção a porta do vagão para desembarcar, o trem preparou-se para partir novamente. A porta se fechou. Havia permanecido no trem.

Enfiou as mãos no bolso e sentiu o papel pelas pontas dos dedos e se surpreendeu. Era dinheiro. A luz do fim do túnel não havia sumido por completo. Certo, vamos nos divertir, pensou. Tsuru era um homem ainda jovem.

Desembarcou. Na primavera daquele ano, após ter ganhado um jogo de beisebol contra outra empresa, uma pessoa de cargo superior o levava a um *machiai*<sup>4</sup> localizado em *Nipponbashi* chamado *Sakura*. Lá, passara a noite com uma gueixa dois ou três anos mais nova chamada Suzume. Lembrando-se disso, resolveu, antes do toque de recolher dos estabelecimentos, ir novamente encontrar Suzume. “Mesmo após o toque de recolher, se vier até aqui e chamar por mim, sempre poderá me encontrar”, lhe dissera ela à época. Às sete horas da noite, estava na frente do portão de entrada do local. Acalmou-se, informou as credenciais de sua empresa e, com o rosto levemente corado, perguntou por Suzume para uma das empregadas do local. Ela, sem suspeitar de nada, levou-o até um quarto no segundo andar. Enquanto rapidamente vestia o quimono, pediu por um banho e prontamente foi guiado para a banheira.

— A vida de solteiro é complicada. Vou aproveitar e lavar a roupa — disse ele com uma feição tímida. Havia um pouco de sangue em sua camisa.

— Certo, vou lavar esta, então — a empregada ofereceu ajuda e tentou apanhar outra peça de roupa.

— Não, já estou acostumado. Sou habilidoso com essas coisas, então deixe comigo — recusou, com extrema naturalidade.

A mancha não saiu facilmente. Quando terminou, fez a barba, voltou para o quarto, pendurou as roupas lavadas em um cabide, procurando por quaisquer vestígios de sangue em suas outras vestimentas. Tomou três xícaras de chá, rolou para os lados, deitou-se de olhos fechados, mas não conseguiu dormir. Depois de um tempo, Suzume, muito bem-vestida, entrou no quarto.

— Já faz um tempo que o vi pela última vez.

— Tem alguma bebida? — perguntou Tsuru.

— Claro que sim. Pode ser uísque?

— Por favor — disse e sacou uma nota de cem ienes de sua jaqueta.

— Não é necessário tanto...

— Também gostaria de algo para fumar. Algo leve.

Assim que Suzume saiu do quarto, houve uma queda de energia. No meio da escuridão, Tsuru ficou repentinamente assustado. Escutava vozes e passos sorrateiros no corredor. No entanto, era apenas sua imaginação. Tsuru ofegava, queria berrar e chorar, mas sequer uma

---

<sup>4</sup> *Machiai*: Abreviação de *machiaijaya*, ou, literalmente, casa de chá para encontros. Era um eufemismo para uma casa de entretenimento, com performances de gueixas e possíveis encontros com elas.

gota saiu de seus olhos. Seu peito palpitava forte e suas pernas ficaram pesadas. Enquanto deitado de bruços, pressionou com força o braço direito em seus olhos.

— Me perdoe, Mori — lamentou com uma voz de choro baixa.

— Boa noite, Kei... — disse uma voz feminina bem fraca, abreviando “Keisuke”, seu primeiro nome. Achou realmente ter escutado aquilo, e com os cabelos em pé e pensando estar à beira da loucura disparou em direção ao corredor. No breu, pôde ouvir vagamente o barulho do trem.

Ao descer as escadas, estava Suzume com um castiçal em suas mãos. Surpresa, perguntou:

— Mas o que você está fazendo?

O rosto de Suzume visto através daquela luz não era atrativo. Sentia saudades de Mori.

— Tenho medo de ficar sozinho... — respondeu.

— Logo você, que lida com o mercado negro, tem medo do escuro?

Ao notar que Suzume pensava que ele havia ganhado aquele dinheiro através de negócios ilícitos, o humor de Tsuru ficou mais leve e animou-se um pouco.

— E a bebida? — perguntou.

— Pedi para a empregada trazer logo mais. É um pouco complicado servir nesta situação.

Uísque. Petiscos. Fumo. A empregada surgiu, de passos leves como um gato.

— Por favor, bebam em silêncio — pediu.

— Entendido — respondeu Tsuru, com a calma de um grande chefe do crime organizado.

*Abaixo, o azul escuro de beleza única das correntezas*

*Acima, a luz do sol que brilha como o ouro*

*Ainda assim*

*A vela que não conhece o descanso*

*Mesmo em tempestade, sempre tranquila*

*Anseia pelas mais impetuosas ondas*

Tsuru não tinha características correspondentes ao estereótipo de jovem literário, mas sim de um atleta despreocupado. No entanto, Mori sempre levava um ou dois livros do poeta russo Lermontov em sua bolsa, e até mesmo em momentos mais acalorados dos encontros, pedia para Tsuru ler em voz alta diversos poemas. Mesmo não sendo nem um pouco interessado nesses assuntos, o poema jovial e ousado intitulado “Velejo” era o que mais gostava. Aquele poema era o que conseguia espelhar melhor a expressão de seu amor por Mori, por isso recitava-o diversas e diversas vezes.

*Mesmo em tempestade, sempre tranquila... Mesmo em tempestade...*

Acompanhado de Suzume, bebeu uísque sob a luz de uma lamparina. Por volta das dez da noite a energia havia sido reestabelecida, mas naquele momento qualquer iluminação não era mais necessária para Tsuru.

O amanhecer.

Há sensações que apenas o amanhecer nos proporciona. Dentre estas, existem aquelas que não são nada revigorantes e surgem antes do nascer do sol. O rufar da ira dos deuses pode ser ouvido, uma cor completamente distinta da manhã ensolarada pinta a copa das árvores de sangue. É algo próximo à tristeza.

Tsuru sentiu o terrível amanhecer de outono através da janela do banheiro. De cara pálida e com o coração inquieto, retornou ao quarto e sentou ao lado de Suzume, que dormia. Ele ainda sentia os efeitos do uísque da noite passada.

Mas sobrava dinheiro. Mais uísque.

Ao sentir a bebida agir novamente, retornou ao *futon*. Sexo. Dormiu, mas seu sono era raso. Abriu os olhos. Encurralado pela autoconsciência, acabou voltando a si mesmo. Agoniado e suando, pediu por mais uísque a Suzume. Bebeu. Sexo. Sono leve. Acordou e bebeu mais.

Estava prestes a anoitecer novamente e a ânsia de vômito impedia qualquer outra gota de álcool.

— Vou embora.

Foi a única coisa que conseguiu falar através de um pesado e dolorido suspiro. Se tentasse algo além disso seria logo tomado pela ânsia, então decidiu calar-se e rastejar até suas roupas, recebendo a ajuda de Suzume. Lutando contra a vontade de vomitar, tentando se recompor com todas as forças que tinha, bêbado e tropeçando, saiu.

Parecia uma noite de inverno. Passou-se um dia desde *aquilo*. Entrou na fila para comprar o jornal noturno, comprou três edições diferentes e procurou de cabo a rabo pelas páginas. Não havia sido publicado ainda. O fato de não ter nada sobre o assassinato de sua irmã no jornal o deixou inseguro e concluiu que os jornais foram silenciados para não atrapalharem na investigação do caso.

Não havia o que fazer. Poderia tentar fugir com o dinheiro que ainda tinha, mas após isso, só lhe restava uma opção: suicídio. Se acabasse sendo preso, teria pavor de ser criticado e escrutinado por cada familiar, amigo ou colega de trabalho.

Estava cansado e ainda não havia aparecido no jornal. Em um ato de coragem, decidiu voltar para o dormitório; se possível, queria dormir a noite inteira. Tsuru dividia o quarto com três colegas de trabalho, mas eles aparentemente haviam saído para se divertir naquela noite. Um tanto quanto oportuno, pensou. Estendeu o *futon*, desligou as luzes e dormiu, acordando

logo em seguida. Ligou as luzes, descansou uma das mãos no rosto, suspirando. Voltou a desligar as luzes, e enfim, dormiu como uma pedra.

Pela manhã, foi acordado por um colega.

— Ei, Tsuru. Por onde você andava? Seu cunhado ligou do açougue para a empresa e disse para você ir para lá o mais rápido possível. Será que não é algo grave? Você sumiu completamente ontem, nem mesmo a Mori sabia do seu paradeiro. Bom, de qualquer forma, vá até o açougue pois parece que é algo sério.

— Apenas pediu para ir para lá? Não disse nada além disso? — perguntou Tsuru, enquanto calafrios percorriam seu corpo. Já estava de pé, vestindo as calças.

— Não disse mais nada. Mas acho melhor você se apressar.

Tsuru começou a questionar. Será que ainda tinha um futuro junto a sociedade? Mas negou completamente essa possível realidade, que agora era tão distante quanto um sonho. Era inimigo do mundo: um assassino.

Esse mundo agora estava concentrando suas forças para encurralar e capturar um de seus inimigos. Era bem possível que já estivesse sendo cercado, como a presa amarrada nas teias de uma aranha. Mas ainda tinha dinheiro. Com dinheiro, poderia se divertir como quisesse até ser encontrado, ou fugir. Entretanto, no momento em que esse recurso se esgotasse, só restaria o suicídio. Tsuru escovou seus dentes no banheiro e minuciosamente vasculhou as páginas da pilha de jornais que havia em cima da mesa. Não havia nada. Não havia uma palavra sobre ele.

Aquela insegurança.

A insegurança de talvez ter um espião escondido em alguma sombra atrás de si.

Como se estivesse sendo engolido por uma enchente que não conseguisse ver.

Como se uma bomba fosse explodir a qualquer momento.

Tsuru voltou para o quarto sem lavar o rosto e abriu seu armário. Roupas, discos, tênis de corrida, cobertores, enfiou tudo que talvez conseguisse vender em um saco. Colocou até mesmo o despertador no bolso de sua calça e, sem tomar café da manhã, saiu do dormitório.

Primeiro, vendeu tudo o que conseguiu no bairro de Shibuya, mais de cinco mil ienes. Embarcou no metrô e desceu em Ginza, por onde andou até encontrar uma barraca de remédios e comprou uma caixa de calmantes. Voltou para estação, onde comprou passagens de trem expresso para Osaka, apesar de, naquele momento, não ter a menor ideia do que faria quando chegasse lá. Mas, assim que embarcou no trem, as inseguranças diminuíram; além disso, Tsuru nunca havia viajado para a região de Kansai. Ouviu falar que as mulheres de lá eram lindas e ele ainda tinha quase dez mil ienes consigo. Estocou bastante comida em um mercado próximo da estação e embarcou no trem expresso, que, surpreendentemente, estava vazio. Sentou-se confortavelmente e esperou o trem partir. Entediado, pensou em compor

algum poema. Para Tsuru, esta era uma vontade um tanto estranha e repentina. De fato, é uma tentação peculiar. Conforme se aproxima da morte, não importa o quão simples e vulgar, o ser humano parece que acaba sendo atraído por composições. Um poema fúnebre ou um haicai, da plebe ou da nobreza, surge da necessidade do indivíduo em ser lido.

Tsuru, com uma feição desanimada, retirou lápis e caderno do bolso. Se ficasse bom, enviaria para Mori. Lentamente começou a escrever:

*Em mim, duzentas pílulas de calmante  
Ao tomar, morrerei  
A vida,*

Ao escrever apenas isso, acabou por desistir. Ao reler algumas vezes achou tosco e perdeu a vontade. Percebeu que não tinha talento para essas coisas e sua expressão facial era a mesma que fazia quando comia algo amargo. Arrancou a página do caderno e amassou, desistindo de compor poemas. Desta vez tentaria uma nota de suicídio endereçada ao seu cunhado:

*Hoje, eu morrerei  
Na próxima vida, vou nascer como um cão ou gato*

Novamente, não havia mais o que escrever. Encarou seus escritos e logo após virou o olhar para a janela, com o rosto choroso.

O trem passava pela província de Shizuoka.

Nem mesmo os parentes próximos de Tsuru faziam ideia de onde ele estava.

Após cinco dias, Tsuru apareceu repentinamente em uma empresa de Quioto, procurando um ex-colega de exército. Tsuru vendeu todas suas roupas e comprou trajes mais baratos e de segunda mão. Ambos saíram bebendo pela cidade com o dinheiro ganho até o anoitecer, quando Tsuru seguiu sozinho para a cidade de Otsu. O motivo para ele ter ido para lá não é conhecido.

Perambulou pela cidade e, às oito horas da noite do mesmo dia, apareceu na frente da estação de Otsu, onde os transeuntes o reportaram como alguém suspeito, parecendo um assaltante. Procurou estadia para a noite, e, tendo reservado um quarto em um hotel, dormiu espalhado de braços abertos. Registrou nome e endereço no livro de registros do hotel e pediu um copo d'água para se recuperar da ressaca. No entanto, usou a água para tomar os calmantes que havia comprado para o suicídio.

Além do corpo de Tsuru, havia algum dinheiro e diversos jornais diferentes. Nenhum outro pertence foi encontrado.

O assassinato, no fim das contas, não foi noticiado em nenhum jornal, mas seu suicídio foi registrado no canto de uma página de um jornal de Kansai. O antigo companheiro de

exército, chocado com a notícia, prontamente viajou para Otsu. Conversou com testemunhas do hotel e mandou um telegrama ao dormitório de Tsuru em Tóquio. Os colegas de quarto imediatamente correram para o açougue.

\*\*\*

O braço esquerdo da irmã mais velha de Tsuru ainda estava machucado. Um pedaço de tecido em volta do pescoço tentava imobilizá-lo. Os pontos ainda não tinham sido extraídos.

— Não quis falar o que ele fez com você por aí aos ventos, então andei procurando em vários lugares, mas ainda não o encontrei — disse o cunhado, bêbado como de costume.

A irmã apenas chorava por mais uma história tola de amor jovem, percebendo que não deviam nunca ser subestimadas.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Criminoso. Tradução de Cleiton Santiago Madruga. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 150-158, 2017.